REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á ntrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India.................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1072

10 de Outubro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

PORTICO DO MUSEU DE ARTILHARIA

RECENTEMENTE INAUGURADO — ESCULPTURAS DE TEIXEIRA LOPES

(Cliché Alberto Lima)

Chronica Occidental

Leio no *Diario de Noticias*, na secção *Viagens e villegiaturas*, uma extensa lista de nomes de portuguêses - não menos de duzentos — que neste momento passam a vida em Paris, onde a pagam em bom ouro de lei, desde os palitos com que esgaravatam os dentes até ás noites na *Comédie* ou nas *Folies Bergères*, divertindo se e gosando cada qual suas ferias. Os politicos não as dispensam e tambem por lá andam como os srs. José de Alpoim, Resano Garcia, etc., ainda mal enxutos do suor que lhes escorreu nas acêsas discussões de S. Bento para salvar esta patria... a que tanto querem.

No fim da citada lista leio ainda que, no *boulevard*, vêem-se passar, em meia hora, mais portuguêses conhecidos do que á porta da Havanêsa em toda uma tarde.

Não admira e é verdade.

Como quererá, pois, o leitor que eu lhe faça uma *Chronica Occidental?*

Falar-lhe das proximas eleições camararias, que principiam a movimentar os centros republicanos e as regedorias, é falar-lhes de politica, do que Deus me defenda nesta chronica leve e ligeira. De mais, o governo já declarou, em nota oficial, que se desinteressava completamente dos resultados da urna, e se o poder do Estado assim o declara, não serei eu que vá meter o bedêlho para que Maçãns de D. Maria ou Freixo de Espada á Cinta deixem de livremente eleger os seus edis.

Pelos modos isto de edis está sendo pouco de apetecer, principiando pelas reclamações que fazem os logistas da rua Augusta á camara, para que esta mande regar a dita rua, e a camara toda reunida vereficar que está sêca como um pau, apesar do Tejo quasi lhe banhar os pés.

Levanta-se grande discussão no seio camarario, que se não se desfaz todo em agua, pelo menos sua copioso, e a final decide que seja o sr. vice-presidente o encarregado de regar as ruas de Lisboa.

Ainda lhe faltava mais esta.

Não se trata, é claro, do sr. vice-presidente do municipio ir com uma carroça desempenharse do encargo, mas muito naturalmente de arranjar agua para as regas, no que só a Companhia das Aguas, á falta do Tejo, lhe poderia valer.

Esta potencia, porém, respondeu que a sua agua do Alviéla é para vender, e já bastava a conta redonda que o municipio lhes deve, para mais a avolumar ainda. Resposta tão pronta lembra aquelles senhorios muito donos das suas propriedades e do seu nariz, que para se verem livres de inquilinos relapsos que lhe não pagam a renda, mandam destelhar-lhes a casa para sumariamente os porem na rua.

«Ora ahi está como isto caminha...» assim se cantava na *Filha da Senhora Angot*, a popular opereta que ha trinta annos divertio Lisboa, talvez muito menos alegre do que hoje.

Se até os pescadores da ilha do Pico, que vieram para a Lisboa, em consequencia das medidas sanitarias nos Açôres contra a peste que lavra na Terceira, participaram desta alegria.

Os pobres homens, que o *Funchal* descarregou no Posto de Desinfecção, encontraram se na cidade com a roupa que traziam no corpo e sem dez réis para um quarto de pão. Ficaram ás sopas do Governo Civil, por intermedio das Cosinhas Economicas, e ao abrigo do Albergue Noturno, emquanto não voltavam para a sua ilha, no vapor *S. Miguel*, de 5 do corrente.

Mas como nem só de sopas e de albergue vive o homem, os pescadores foram por ahi pedindo esmola para levarem alguns vintens para as mulheres e filhos, de que não se esquecem como do pão que ora lhes terá faltado.

A caridade publica não tem limites e se os não socorre com dinheiro tanto quanto elles precisariam, em compensação o sr. comendador Santos deu-lhes generosamente bilhetes para gosarem o espétaculo do Coliseu, e o sr. conselheiro Ferreira Lobo facultou-lhes entrada para verem os bichos do Jardim Zoologico.

Já o duque de Saldanha, presidente de um governo, em tempos, para consolar um pobre pretendente que o não largava na ancia de um emprego, disse ao homem:

— Meu amigo, emprego não se arranja nenhum, agora se quer um habito de Christo, é quanto lhe posso dar.

Assim se vae passando a vida em Lisboa, ouvindo-se pela calada da noite o melancolico pregão dos que vendem marmelos assados no forno, e pelas portas das tavernas vendo-se as assadeiras abanicando os fogareiros e dando voltas aos assadores de barro, onde as castanhas dão estalos.

São os pronuncios do inverno.

As touradas despediram-se este anno com as ultimas de Vila Franca, que para mais divertidas se tresmalharam os touros e um deu que pensar a uns tres ou quatro *aficionados*, que depois de o citarem a uma pega tiveram que subir para uma figueira quando o bicho arremeteu.

Passaram horas amargas empoleirados na arvore, prestes a ser derrubada a marradas da féra, que depois se quedou muito bem deitada, como o diabo ao pé da amendoeira, em flôr temporan, á espera do primeiro fruto serodio. Neste caso o fruto eram os *aficionados* a quem o cornupeto fazia sentinella, e muito ironicamente diria com os botões das suas unhas — Saltem cá para baixo se são capazes.

Anunciam-se as noites de inverno, que o toque de recolher é já ás 8 horas, e quando as portas dos quarteis se fecham, principiam a abrir-se as dos teatros.

O Principe Real já ofereceu a sua *Viagem á Roda do Mundo* aos que nem sequer foram a Cacilhas passar o verão.

O Gimnasio inaugurou a sua época, na primeira noite deste mez, com o *Pinto Calçudo* em que o Valle, por mais que puxasse as calças da mana, não se livrou das gargalhadas dos circunspectos conselheiros e das irrasciveis sogras que assistiram ao espectaculo.

Noites de gargalhada nos prepara o bom Valle com o seu repertorio de comedias e suplemento do actor-emitador Vargas, que contratou para a companhia.

O teatro da Trindade fez remoçar os seus quarenta annos com algumas latas de *ripulin* e algumas peças de papel pintado, ficando como novo, e para que em tudo ofereça novidade, até na companhia que vae apresentar de cantores portuguêses para operetas portuguêsas e algumas estrangeiras tradusidas.

No elenco dos seus cantores conta primeiras estrelas como Isabel Fragoso e Delfina Victor, tenor Julio Camara e baritono Bensaude.

A estreia é com o *Barbeiro de Sevilha*, tradusido, e se a letra não perderá com a tradução, muito é de estimar que a partitura não apareça tradusida tambem. De resto, a tentativa de crear a opereta nacional, é de todo o ponto louvavel.

S. Carlos está ainda pela milessima vez em obras, ainda que não são agora por conta do Estado, graças a Deus, e a nova empresa afirma que se os fundadores, que ha um seculo o fizeram em nove mezes, assim tão solido, viessem agora vêl-o talvez o não conhecessem, deslumbrados com o luxo em que vinham encontral-o. A nova empresa que se propoz fazer esta transformação, tambem vae dar aos assinantes, além da classica opera italiana, opera alemã e francêsa por suas respetivas companhias, principiando por esta ultima que se estreiará lá para novembro.

Vamos, pois, ter este inverno, em Lisboa, opera em todas as linguas, para assim dizer, salvo aquellas que possam faltar, que eu não sei se os japonêses, na ancia de suplantar a Europa, já a estas horas tambem terão opera sua.

Caetano Alberto.

Trepadeiras

Com muita satisfação damos em seguida as primicias deste novo livro de poesias, proximo a sahir á luz.

A' minha terra

Amo te, quando o sol, beijando a face,
que tu, rendida, em extase lhe offertas,
acorda as energias encobertas,
que encerras, como um deus que te osculasse.

Amo-te quando já, desfeito o enlace,
com crepes a dôr maxima encobertas,
e as lagrimas da lua são offertas
á paixão, como orvalho que a apagasse.

Amo te quando ao sol que novamente
por ti se apaixonou, feliz, surpresa,
votas mimos de amor sempre nascente.

Amo-te sempre, em jubilo ou tristeza,
terra que és ninho verde á minha gente,
amavel ninho, terra portugueza!

João de Saldanha Oliveira e Souza.

O portico do Museu de Artilharia

Desde os primeiros dias do mês de agosto proximo passado, que está concluido o portico do Museu de Artilharia, como complemento das obras de transformação do velho edificio iniciadas pelo falecido general Eduardo Ernesto Castelbranco, diretor deste museu que completamente reformou e augmentou, instalando-o nas antigas salas do Arsenal do Exercito, ricas de suas decorações artisticas e que mais embelesou com novas obras de arte, para o que convidou os melhores artistas portuguêses a concorrer rem com seus quadros e esculpturas, como por mais de uma vez se tem referido nesta revista.

Foi incançavel o ilustre general na sua obra, para a qual creou receita propria sem sobrecarregar os cofres do Estado, alimentando ao mesmo tempo a arte nacional, que tanto precisa destes estimulos para se desenvolver.

O portico a que nos estamos referindo é, como dissemos, o complemento dessa obra reformadora, e o general Castelbranco ainda assistio ao lançamento dos fundamentos do portico, o que teve logar em 8 de outubro de 1900.

Adquiriu para a sua obra as magnificas columnas inteiriças da capela que se desmanchara do antigo palacio dos marquêses de Castello Melhor e depois dos marquêses da Foz, e estas serviram de base ao projéto do portico que encomendou ao laureado esculptor Teixeira Lopes.

O portico, apreciado independentemente do edificio a que foi aplicado, é uma bela peça arquitetonica, realçando sobre tudo o bem composto grupo alegorico que o encima, e no qual se destaca a figura da Patria, empunhando na mão direita uma espada e na esquerda a bandeira. Este grupo é todo de marmore á exceção da espada e aste da bandeira que são em bronze, e nelle se empregaram blocos enormes, dos quaes só o que abrange parte da perna esquerda da figura pesou seis teneladas.

A gravura dispensa minuciosa discrição deste trabalho de Teixeira Lopes, que nelle afirmou mais uma vez seu bélo talento.

E' pena, porém, que este portico artistico se ache um tanto descabido entre a desgraciosa arquitetura e proporções do edificio em que foi enchertado, como facilmente salta á vista, mas são, quasi sempre as consequencias dos aproveitamentos, em que muito raro é possivel estabelecer harmonia, ficando sempre alguma das partes prejudicadas.

A construção foi dirigida pelo mestre do Arsenal do Exercito, sr. Antonio Joaquim, que não pouca responsabilidade teve na direção dos trabalhos até ficarem concluidos sem incidente, em obra de tanta monta.

Para fechar o portico foi executado, nas oficinas da fundição de canhões, um portão de ferro todo ornamentado com diferentes armas de guerra de bem delineado desenho.

Este portico, está na face sul do edificio que deita para o largo dos Caminhos de Ferro, e fica sendo a entrada principal do Museu de Artilharia, transposta a qual se encontra um grande pateo com uma galeria em roda envidraçada onde estão expostos obuzes, morteiros e peças antigas, resguardadas do tempo.

O general Castelbranco, falecendo em 24 de fevereiro de 1905, não gosou a grande satisfação de vêr a sua obra concluida, entretanto ella ahi está a atestar quanto póde a iniciativa e boa vontade de um homem, quando deveras se dedica a uma ideia.

Centenario da Guerra Peninsular

Além fronteiras

No fim do mez d'abril de 1811, já não havia no territorio continental portuguez nem sequer a sombra de Massena e dos seus guerreiros, que o evacuaram de todo, logo aos primeiros dias d'aquelle mez.

O exercito anglo-luso entrou no territorio hespanhol, onde o povo egualmente se levantara contra o dominio dos francezes, e proseguiu n'uma triumphal carreira de victorias que só tiveram termo pela paz celebrada aos 30 de maio de 1814, quando a fronte de soldados portuguezes fôra coberta de merecidos louros em terras para lá dos Pyreneos!

Raras vezes se tem observado na Historia este facto edificantissimo da tenaz resistencia das massas populares contra as tristissimas condições de tibieza de caracter dos seus proprios imperantes, e contra o poder consolidado e arrogante d'um prestigioso fascinador.

Sim: eu mesmo, nascido muitos annos depois da morte do côrso audaz, sinto me invadir por extraordinario pasmo admirativo ao lêr a narrativa e descripção das suas batalhas, as suas concisas e arrebatadoras proclamações, todos os titulos e documentos através dos quaes transparece algum signal napoleonico.

E, ainda mais, quando, assim, verdadeiramente embriagado, noto a reviravolta da fortuna que o faz cahir prisioneiro e morrer captivo n'uma ilha insalubre, não sou superior á commoção que me punge e uma lagrima triste borbulha nas minhas palpebras.

Não é, por isso, motivo para espanto que ao fulgor militar do seu genio casado com a aguia das suas bandeiras, accrescesse, incutindo-lhe ardencia maior de altivez e perplexidade em render-lhe culto por parte dos vencidos, logo seguida de plena adhesão de enthusiasmo em tal incrivel homenagem.

N'este mundo, porém, a cegueira attinge os seus limites e os olhos dos cegos de espirito chegam ás vezes a descerrar-se á luz pura da verdade.

Succedeu isto com o antigo official de Toulon e feliz commandante em chefe do exercito da Italia.

O idolo, um dia, quebrou se, não tanto porque a estrella que parecia guial-o, empanada, perdesse o brilho, mas, principalmente, porque o amaldiçoariam no silencio funebre das suas jazidas todos aquelles que, defrontando as iras dos privilegiados, proclamaram os liberaes e fundamentaes principios dos codigos que nos regem sobre a caducidade ruinosa das instituições desfeitas do passado, prênhe de abusos e de escandalos.

Uma revolução que n'um excesso criminoso, tingira as côres da bandeira de Valmy e Jemmapes no sangue dessorado d'um rei de pouca ventura, descambando na ferrea vontade d'um soldado venturoso, uma revolução n'estes termos teria sido inutil e irrisoria se não soasse a hora de Waterloo no relogio dos tempos e de modo simultaneo não declinasse a estrella guiadora nos arraiaes do improvisado successor de Luiz XVI.

Contribuiram para o ocaso da estrella as gentes peninsulares, afincadas contra o tyranno da Europa.

O que é demais não póde supportar se, e então, no ponto extremo, até um pygmeu se torna gigante e indomavel na liça temerosa.

Portugal decerto, o pygmeu peninsular no conceito de Napoleão provou-se o indestructivel antagonista da lucta herculea, logrando mesmo arrancar ao desterrado porvindoiro de Santa Helena phrases celebres, denunciadoras do seu grande assombro pelas façanhas retumbantes dos vencedores de Junot, Soult e Massena, o bravo de Zurich e de Essling!

A guerra peninsular foi para nós um livro de aureo registo, onde mesmo apparentes desastres como a retirada de 25 de setembro de 1811, em seguimento ao combate d'El-Bodon, assumem legitimas proporções de victorias estrondosas.

Ahi, affirma com todo o acêrto de propriedade o distincto e erudito auctor de *Estudos tacticos* e de *O combate da infantaria contra a cavallaria*, Mello e Athayde, ahi «figura, nobremente, o nosso 21 d'infantaria.»

Este corpo, n'uma situação muito proximo de desesperada, salvou o aperto de Wellington contra as numerosas forças montadas do exercito francez.

Eduardo de Noronha, citado por Athayde, escreve assim:

«Eis o que foi o combate de El-Bodon: uma pagina gloriosissima para o regimento 21; uma estrophe homerica para a infantaria portugueza, sempre tão soffredora e corajosa; um poema de bravura para o exercito, que alli, como sempre, rendeu preito á bandeira da patria, que se desfraldava, altiva e impávida, ao lado da outra que era estrangeira.»

Com resultado melhor e de tão intenso brilho fôram feridas outras batalhas, atravessando a Hespanha e transpondo a sua cordilheira limitrophe para a França.

Tolosa e Nice resplendem vividas nos archivos dos diarios, e os portuguezes até o momento em que, cercando Bayonna, viram arvorar a bandeira branca das flôres de lis, dentro da praça sitiada, só conheceram um santo e uma senha no oriente d'um mesmo ideal, — marchar para a frente, sem desmerecer da patria longiqua!

Foi este acto final das scenas dramaticas e tragicas, testemunhadas tantas vezes com o fluxo lacrimal por creaturas simples, ás quaes insoffridas ambições de extranhos perturbaram na tranquillidade relativa do lar domestico e na secular justiça dos seus direitos incontestaveis.

Sahira da capital o principe-regente, e não houvera no emmaranhado barafustar d'uma fuga, precipitada e impundonorosa, o rebate d'um toque sensato, a reacção d'uma fibra mascula; mas, em compensação, ficara nos o inerme desapontado e pesaroso, o vulgo, sem nome para os dirigentes fôfos e aliás forte como o aço para as nobrezas da gloria!

Não fôram os remendos de falso patriotismo, dados á estampa no commodo abrigo do Brazil que nos reviveram autonomos, salvando-nos das garras sobranceiras do creador de reinos e distribuidor de corôas, não, foi o vulgo, foi o povo, talvez misero titere no cerebro de ronceiras alimarias simulando gente, foi o povo que, a partir de 18 de junho de 1808, na cidade invicta, não cessou de empenhar esforços imperterritos para abater e ver abatida sem solércia mas com aberta coragem, a irritante prosapia dos invasores, incompativeis com seres independentes por caracter e inconciliaveis com a idolatrada aspiração do povo, sua prêsa, á liberdade amplissima das suas moradas e do seu torrão.

O resto, vimol o, a traços rapidos nas considções dos numeros anteriores, e muita, e muita razão havemos para nutrir orgulho de pertencer como filho a similhante patria de tal povo indómito e generoso do seu sangue em pról dos berços e dos lares!

Commemorar as datas da Guerra Peninsular, é honral o com justeza de civismo patriotico.

D. Francisco de Noronha

De Lisboa a Bordeaux e Pyreneus

(APONTAMENTOS DE CARTEIRA)

De todos os prazeres, nenhum ha que eguale ao de viajar!

Para mim, uma excursão a França, tinha um duplo attrativo; pelo lado materno é quasi que a minha segunda patria, passei lá parte da minha infancia e a primeira obra musical de meu pae foi representada em Marselha com successo ahi consagrado pelo publico e pela imprensa. Posto isto é facil comprehender a alegria que experimentei ao entrar no *sud-express* com o meu inseparavel companheiro.

Parecia-me pequena a velocidade do comboio apesar da linha portugueza ser toda ella encantadora e das refeições do *wagon restaurant* serem carissimas embora bem cosinhadas.

A' noite chegámos á fronteira hespanhola onde recebemos a visita de dois façanhudos *carabineros* que nos revistaram as bagagens; seguimos, depois deitámo-nos ouvindo vagamente de quando em quando os nomes arrevesados das estações, até que de manhã nos levantámos e, com grande surpreza, notámos que as autoridades hespanholas apresentavam armas á passagem do comboio; informámo-nos do motivo, dizendo nos o empregado que a *Reina Madre* se mettera em Medina para seguir até Paris. Com effeito, pouco depois vimo-la passar no corredor junto de nós.

A's dez horas da manhã chegámos a Hendaya, primeira terra franceza; apresentaram-se os *douaniérs* acompanhados de um empregado superior que apenas nos perguntou se tinhamos alguma coisa a declarar, não nos incommodando absolutamente nada. Assim nos deu a França uma amostra da sua proverbial cortezia! Logo achámos n'esta estação um certo conforto que até ali não tinhamos gosado. Aqui, começa um delicioso panorama; por todos os lados, riquissimas pastagens recheadas de lindas vaquinhas e numerosos patos, os cartazes *reclame* collocados em todas as casas proximas da linha, aqui o Chocolate Suchard, mais adiante o Dubonnet, etc., etc.

Ao meio dia, parámos em Bayonne, seguindo pouco depois para Bordeaux onde chegámos perto da noite. Tomámos um *fiacre* que nos conduziu ao Hotel de Bayonne onde em tempos eu estivera. Depois de termos mudado de toilette, tratámos de satisfazer o nosso apetite, que fez honra ao delicioso menu cosinhado por um verdadeiro émulo de Vatel. Os pratos que serviram foram com justiça saboreados! E o pão! Conhecem o pão francez? Garanto-lhes que outro não ha assim! Uma delicia aquellas enormes *flûtes*.

Depois do jantar fômos ao *Grand-Théâtre*, explendido edificio e sem duvida um dos melhores de França. Far-se-ha ideia da sua importancia, dizendo que contém 4:000 logares, uma grande sala de concertos, galerias de verão, salões de inverno onde se reunem os artistas, cafés e tudo quanto se possa imaginar de melhor no genero. O perystillo, de estylo corinthio, é um verdadeiro primor. Ahi ouvimos a *Lakmé*, a inspirada partitura de Léo Delibes, que nos fez passar duas horas deliciosas! Que bellas paginas, a marcha, o duetto, etc., etc.

Na manhã seguinte, travámos conhecimento com as principaes ruas: *Cours de l'Intendance*, animadissimo com profusão de lojas; attrahem-nos ricas montras onde lindas coisas se acham expostas para tentação dos ricos e desespero dos pobres.

N'esta manhã, chovia levemente e era de ver as senhoras elegantemente arregaçadas, sem um salpico de lama, mostrando o principio de uma bella promessa! Porque razão as não imitam as portuguezas? Porque não sacrificam ligeiramente o pudor evitando assim chegarem a casa cravejadas de lama?

Chegada a noite, torrentes de luz espargidas em espelhos que as centuplicam fazem realçar as joias, os estofos e outros artigos que por toda a parte cercam o transeunte.

E os cafés? Succedem-se quasi sem interrupção, sobretudo nas *Allées Tourny*, replectos de espelhos e de alegres convivas.

Não esqueçamos a *Rue Sainte Cathérine* que tem lindissimos estabelecimentos onde de tudo se encontra. Bordeaux mostra bem ser uma cidade extraordinariamente commercial, devendo principalmente a sua reputação aos conhecidos vinhos cuja exportação é consideravel.

A cathedral é tambem digna de reparo; o portico tem preciosos trabalhos de esculptura.

O museu contem bastantes quadros de valor, tanto da escola antiga como moderna.

A magnifica ponte sobre o rio Garonne é construida sobre dezesete arcos de pedra.

As bordelezas (como todas as francezas) desde manhãsinha vêem se cuidadosamente calçadas, espartilhadas e penteadas com a arte de que só as francezas possuem o segredo. A sua ligeireza e frescura leva-nos a crêr que uma fada as fez surgir unicamente para nos deliciar a vista! Umas vão para os seus *ateliers*, outras tratam das compras, emfim todas têm as suas occupações. Até as senhoras de edade são elegantes e attrahentes sem serem caricatas.

Um dos attractivos d'aquelle momento era a exposição. A algumas pessoas ouvi dizer mal d'ella mas, a meu vêr, injustamente; parece-me que é sempre louvavel a apresentação de productos industriaes de diversos paizes, o que tanto concorre para estreitar as suas relações. De tudo ahi encontramos; fabricantes de machinas, vastas galerias de automoveis com os ultimos aperfeiçoamentos, secções cheias de curiosidades de toda a especie que a todos prende e interessa, vitrines com explendidas rendas constantemente admiradas pelas mulheres, em cujos rostos se traduz o peccado do desejo.

Junto da porta principal depara-se com o *Grand Palais* digno de toda a admiração. A Russia é tambem representada por um pavilhão de estylo nacional russo que pela sua originalidade é uma das curiosidades da exposição; a sua construcção é de madeira e os moveis que guarnecem o interior foram fabricados em Moscow e são interessantissimos.

Ainda ha os palacios dos Estados Unidos, Hespanha, Grecia e Belgica, reproducção fiel dos velhos castellos de Anvers.

Muito curioso ainda as *Couveuses d'enfants*, onde são collocadas as creanças nascidas antes do termo, que ahi ficam até completarem o seu tempo.

Por ultimo, visitámos a aldeia africana, sem duvida uma das maiores attracções, constituida por 80 indigenas, homens, mulheres e creanças pertencentes a quatro raças. E' muito interessante vêr os seus costumes, danças de ventre, scenas de feiticismos, passeios em camellos, entradas nas barracas; assistir aos trabalhos manuaes das tecedeiras e vêr os Touaregs, esses temiveis salteadores do deserto, ultimamente tão citados a proposito dos acontecimentos de Marrocos! Tudo isto, por momentos, nos deu a illusão de estarmos no centro de Africa!

Depois de nos recrearmos com mais alguns divertimentos, voltámos ao hotel onde nos esperava o jantar.

No dia seguinte partimos para Bayonne que pouco tem digno de menção a não ser a cathedral e o museu Bonnat que possue grande nume-

ro de esboços e quadros d'este celebre pintor ahi nascido, alguns Rubens, Rembrandt, Van Dick, Goya, Ingres, Prud'hon, Delacroix e Meissonier. Tambem ahi se vêem valiosos legados de M.me Paul Poydenot que constituem um pequeno thesouro. Passámos alguns momentos bem agradaveis com o guarda que nos poupou o catalogo. Este homem é um perito no assumpto, dá a sua opinião sobre qualquer artista. Será o habito de viver no meio das telas que elle admira, ou como papagaio que repete o que ouve? Em todo o caso o seu juizo é acertado e se eu fosse pintor de certo o tomaria em consideração.

De Bayonne seguimos para Biarritz, escolhendo dos trez meios de transporte o mais commodo e rapido. Fomos á *gare* do B A B, tomámos logar no pequeno *tramway* a vapor, e em 12 minutos achámo-nos na rainha das praias.

Dar uma ideia exacta do que é esta encantadora praia, é completamente impossivel. O aspecto é tão variado que, todos os dias, a todas as horas encontramos uma nova surpreza.

As ruas estão cheias de sumptuosissimos hoteis com tudo que se possa imaginar de confortavel, situados nos melhores pontos; parecem construidos para durar até á consumação dos seculos e para hospedarem exclusivamente principes.

E' uma terra que pensa bastante no proximo. Segundo a época, assim se fazem os preços; n'alguns mezes é convidativo, n'outros é de se ficar arruinado.

Os estabelecimentos são estonteadores! Imaginem que um dos primeiros ourives de Londres tem aqui uma succursal em cujas montras se admiram joias de um valor incalculavel; por todos os lados, brilhantes e perolas de respeitaveis proporções. Modistas dos primeiros estabelecimentos de Paris. Emfim, tudo o que se possa imaginar, apparece alli. De todos os lados, parques lindissimos, palacetes rodeados por soberbas grades atraz das quaes surgem bellas plantas no meio da relva cuidadosamente aparada.

Os russos, inglezes e hespanhoes abundam n'este sitio encantador e toda a gente de fortuna ahi vae buscar a consagração do chic.

A praia é soberbissima, dominando o mar, cujas imponentes vagas vêm quebrar-se contra os rochedos em magnificas cascatas espumosas! E' de um effeito theatral! A toda a hora se vêem encantadoras creanças fazendo pequenos castelos de areia que constituem as suas delicias.

1. Bordeaux, a praça da Comedie — 2. Bayona, a rua de Thiers — 3. Biarritz, a praia e o Casino Municipal

Portugal na Exposição Nacional do de Rio Janeiro

A tipografia do Annuario Comercial

O Casino Municipal é junto da praia, n'elle ha lindas e ricas salas e um bellissimo theatro cujas representações e concertos com os primeiros artistas de Paris são apreciadissimos. Da praia, parte uma rampa movel que' por 5 centimos e com a maior commodidade, nos faz ascender até ao Casino Bellevue que possue, como o outro, riquissimos salões.

Por todos os lados um movimento extraordinario, barulho dos trens com os seus postilhões de vistosas fardas e colletes encarnados.

A graça e a alegria das senhoras, a frescura das suas toilettes, espalham alegria por todos os lados. Na *Place de la Mairie* o movimento d'aquella gente parece uma immensa galopada; o pobre estrangeiro, que não esteja habituado a tanto bolicio, fica atordoado; da direita damos um encontrão a um duque, para a esquerda pisamos um principe e quem sabe se mesmo algum monarcha incognito.

Não se vê gente pobre, apenas creados. O clima de Biarritz é temperado, o que a torna uma bella estação de inverno.

Torna-se difficil a escolha das distracções: corridas de cavallos, tennis, pelota basca, representações, etc. E' um bellissimo tonico para neurasthenicos!

(Continúa.) Jom.

Aspecto duma das oficinas de composição

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

A Tipografia do Annuario Comercial

Juntamos hoje mais um capitulo a esta secção do Occidente para tratarmos da Tipografia do Annuario Comercial, propriedade do sr. Manuel José da Silva, a qual enviou á Exposição do Rio de Janeiro um grande quadro com especimens de trabalhos tipograficos executados em suas oficinas e que são outros tantos modelos das artes graficas, pela variedade e prefeição que apresentam, como tivemos ensejo de apreciar, antes de seguirem para o Rio de Janeiro.

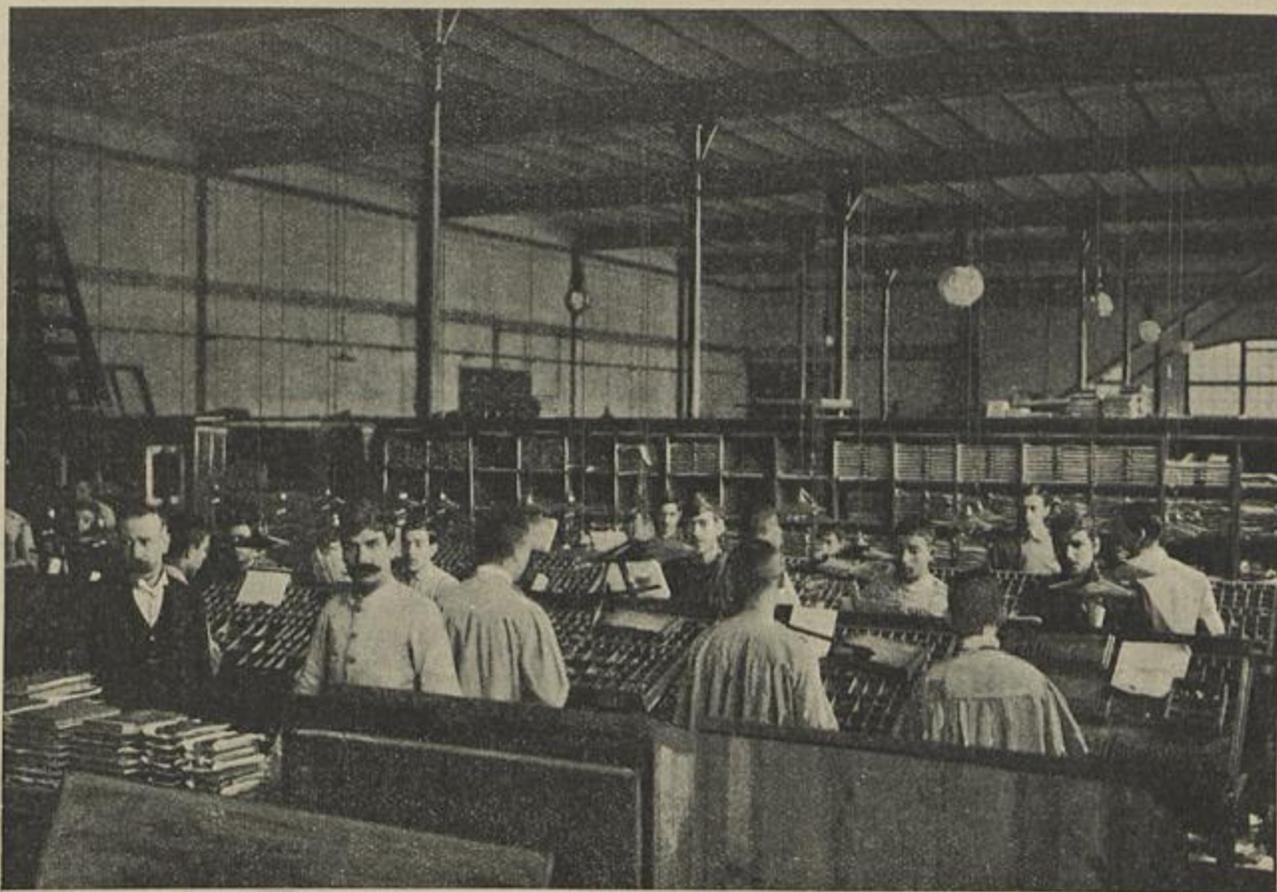
A Tipografia do Annuario Comercial, participa em larga escala de todos os progressos que as artes graficas tem alcançado nestes ultimos vinte annos em nosso país, e para confirmar esta afirmação bastará visitar este estabelecimento, instalado em edificio proprio, em parte dos terrenos do antigo jardim do palacio dos srs. marquêses de Castelo Melhor, hoje pertencente ao sr. marquês da Foz, na praça dos Restauradores, que faz a entrada da grande Avenida da Liberdade, a obra mais béla da Lisboa moderna.

A larguesa do terreno permitiu ao sr. Manuel José da Silva o construir vastas oficinas para o seu *Annuario Comercial de Portugal* que vem publicando desde 1880, e foi este importante annuario, que actualmente se imprime em dois grossos volumes atingindo cerca de 4:000 paginas, o que levou seu editor a estabelecer tipografia propria para o fazer.

Esta tipografia consta principalmente de tres grandes oficinas, sendo duas destinadas á composição e uma á impressão, além de outras dependencias.

As oficinas de composição, amplamente instaladas, recebendo ar e luz de grandes janélas contínuas, com cubagem de 6m de altura de tétos, são, sem duvida, as mais vastas deste genero no nosso país, e como não haverá muitas no estrangeiro. A uma destas oficinas está anexa a de fundição de tipos e de estereotipa com uma produção diaria de 300 kilos de material para uso exclusivo da casa.

Abastecidas com uma grande quantidade de tipos comuns e de fantasia em que se contam 429 variedades, estão habilitadas a executar todos os trabalhos tipograficos desde os mais vulgares até aos mais complicados e de luxo. O pessoal destas oficinas eleva-se á media de 60 compositores.

A oficina de impressão está nas mesmas condições de larguesa e higiene, das que deixámos descritas, e para dar ideia disto, bastará saber que nella estão instaladas dezeseis maquinas de impressão das mais modernas e melhor experimentadas, cada uma movida por seu motor elétrico desenvolvendo a força total de 60 cavalos. Entre estas maquinas ha uma ultimamente instalada, para im-

Aspecto duma das oficinas de impressão

primir a duas côres de uma vez, modelo de 1907, da acreditada fabrica Koenig & Bauer, a primeira introdusida em Portugal. Ha ainda nesta oficina tres guilhotinas, um prelo manual e duas picotas. O numero de impressores condutores, marginadores e serventes é de trinta homens.

Todas as oficinas são iluminadas a luz elétrica, (arcos voltaicos) o que as torna tão claras de noite como de dia.

Um grande deposito de papeis de impressão de todas as qualidades, habilita esta tipografia a fornecer de pronto o papel para qualquer obra, nas melhores condições.

O capital empregado neste grande estabelecimento representa uns 120:000$000 réis.

E' na Tipografia do Annuario Comercial, que ha tres annos se compõe e imprime o Occidente, como aquella que melhor podia satisfazer ás exigencias de uma publicação desta ordem, e são tantas as obras de importancia nella executadas, que não precisou fazer especimens especiaes para enviar á Exposição Nacional do Rio de Janeiro. As provas praticas dos seus trabalhos foram o suficiente para mostrar que satisfaz cabalmente a todas as exigencias do progresso das artes graficas, e praticamente é o que interessa conhecer num concurso do trabalho como o que ora se verifica no Rio de Janeiro.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1071)

XI

Sahiu elle no dia seguinte para fazer algumas compras de objectos de vidro e de metal, que uma das suas irmãs lhe tinha encommendado. Julgou que, terminadas ellas, seria acto de cortezia da sua parte procurar Damer e dizer-lhe que, estando para sahir da cidade, lhe offerecia ir no seu yacht, se quizesse, até Trieste. As ultimas expressões trocadas entre ambos haviam sido amargas e frias. A indulgente bondade de Adrianis levava-o a desejar separar-se como amigo de um homem a quem julgava dever a vida.

Mandou o gondoleiro vogar para o norte em direcção aos Fondamente. Nunca havia estado nos quartos occupados na velha torre de vigia por Damer — o qual tinha sempre affastado todas as visitas; mas agora pensou que seria melhor ir lá, senão poderia perder de todo a occasião de ver o inglez antes da sua partida, visto que ultimamente Damer só raras vezes tinha vindo á Ca'Zaranegra. Antes, porém, de dar a ordem ao seu gondoleiro, ao passar a ponte del Paradiso, um sandalo, em que havia uma pessoa só, molhou a gondola de elle no estreito canal, e essa pessoa solitaria era Damer.

— Ia agora mesmo aos vossos aposentos — exclamou Adrianis, emquanto o seu gondoleiro praguejava em alta voz por ter roçado com a prôa no muro do Palazzo Narni.

— Vou para o hospital, e não estarei em casa antes da noite — replicou Damer, pouco amavelmente.

— Vinha para dizer-vos — accrescentou Adrianis — que estou para deixar Veneza.

— E ir para Goritz, sem duvida — disse Damer com um sorriso escuro e breve.

— Talvez sim, e talvez não — respondeu Adrianis n'um tom que significava que, fosse para onde fosse que determinasse ir, ninguem tinha nada com isso. — De toda a maneira, queria dizer vos que a escuna está inteiramente ao vosso dispôr, quer fiqueis aqui, quer tenhaes de seguir para Trieste.

— Muito agradecido. Os yachts são brinquedos de homens ricos que para mim não servem — respondeu Damer, sem dizer para onde ia ou o que tencionava fazer. — Mandae o vosso para as docas de Messina, se não precisaes de elle.

— Podieis ser um pouco mais delicado — disse Adrianis meio zangado, meio gracioso. — Estimaria muito prestar-vos alguns serviços.

—Gente pobre não pode acceitar taes serviços.

— Porque falaes constantemente da vossa pobreza? Tendes intelligencia, o que é muito mais raro que a riqueza.

— E muito menos estimado — disse Damer com esse sorriso breve e gelado que abatia e perturbava Adrianis. Não posso aqui estar de palestra — accrescentou — vou já um pouco atrazado para uma junta no hospital com o meu estimado collega veneziano.

Estavam para se separar; Damer para passar por debaixo da ponte, Adrianis para continuar o seu caminho para uma loja de ferragens, quando lhe feriu os ouvidos um fraco grito infantil, repetido por outras vozes mais agudas de creanças.

Havia alli uma enfiada de barcos ao longo do muro por baixo do velho palacio denegrido de Narni situado exactamente para além da ponte, com as suas portas massiças tauxeadas de ferro, inalteravel na apparencia desde o tempo em que Tiziano passava no Paraiso, e o fulgor do sol brilhava nos cabellos de ouro da filha de Palma Vecchio.

Algumas creanças folgavam nas barcas negras que estavam carregadas de lenha e de carvão. Eram pequeninas, meio nuas ao ar quente, e brincalhonas como coelhinhos; corriam, saltavam, trepavam pelas pilhas do combustivel, agarravam-se umas ás outras n'uma lucta simulada, e piavam com um riso alegre; havia só uma que não entrava na brincadeira, um rapazito que estava languido e immovel sobre uma porção de saccos, e via com olhos tristres os outros a folgarem.

Não havia alli proximo homem ou mulher, mas sómente as creanças; e o palacio antigo dava a lembrar um rosto escuro com os olhos cerrados: dir se-hia que estava fechado desde o tempo em que Dandolo era novo, e nunca mais se abrira; as suas estatuas brancas olhavam para baixo por cima da grade de ferro do muro do seu jardim, e eram tambem muito antigas.

Quando a gondola passava por baixo d'esse muro, as creanças que folgavam, tornando-se cada vez mais vivas e desinquietas, arremessaram-se na carreira para além e por cima do rapazito doente, e impelliram-no com tal força que elle foi parar á borda da barca, e cahiu na agua. Os outros, aterrados com o que lhes succedera, juntaram se a lastimar-se, assustados, irresolutos e incapazes de qualquer cousa. A agua n'aquelle sitio é espessa e negra, e a immundice corre por lá á vontade. Foi n'esse momento da quéda que o grito da creança e os dos seus companheiros se elevaram n'um tom agudo no silencio da manhã. N'um segundo Adrianis tinha saltado da gondola, mergulhando para salvar a creança, que tinha ido para debaixo da barca e trazido o pequeno nos braços. Era uma creança de cêrca de cinco annos, com um formoso rosto pallido e os membros nus. A cabeça pequena e encaracolada cahia de exgottamento sobre o hombro do mancebo, e as suas vestes rotas estavam pingando.

Damer fitou-o com o profundo conhecimento profissional.

— Esse rapaz está doente — disse elle a Adrianis. — Melhor farieis em não o ter nos braços.

— Coitadinho! — disse Adrianis, com brandura, estreitando o a si. — Que faremos de elle? Não podemos deixal o aqui só com estas creanças.

— Reparae que estaes todo molhado. Deveis ir para o hotel — disse Damer.

Adrianis estava ainda de pé na agua. N'esse momento uma mulher sahiu da camara do barco mais distante, e, dando grandes saltos de um barco para outro, veiu a gritar: — A creança, a creança! O meu Carlino!

Era a mãe de elle. Adrianis entregou o nos seus braços muito abertos, e deixou cahir algumas moedas dentro da camisinha rôta.

Virei vêl-o d'aqui a uma hora — lhe disse elle no meio das exclamações religiosas e agradecimentos que ella soltava. — Elle não está bem. Tomae cuidado n'elle, não o deixeis só.

A creança abriu os olhos e sorriu-se.

Adrianis inclinou-se e beijou-o.

— Ide para casa só. Eu fico e vou examinar o pequeno — disse Damer. Adrianis foi, e Damer, mandando a mulher ir adeante, passou por cima das barcas até chegar a uma, á qual estava unida uma grosseira camara ou beliche, onde ella vivia com cinco filhos. Foi alli que observou a creança.

— Uma inflammação de garganta — disse elle simplesmente. — Eu vos trarei remedios.

Voltando para o sandalo, continuou o seu caminho para a junta do hospital.

— Que doença tem elle? — disse Adrianis horas depois.

— Terieis feito melhor, se o deixasseis na agua do canal — respondeu Damer. — E' muito fraquito, nunca teve boa alimentação, e nunca se restabelecerá.

— Mas que doença tem?

— Uma inflammação de garganta — respondeu Damer, como tinha respondido á mãe.

Foram ambos passar essa noite á Ca'Zaranegra. Havia lá diversas pessoas, a noite estava muito quente; os altos lyrios e palmeiras do balcão brilhavam á luz da lua cheia; havia musica. Veronica apresentou o bandolim a Adrianis.

— Não cantaes commigo esta noute?

— Ah! perdoae me. Estou um tanto rouco. Não tenho voz — respondeu elle com pezar.

— Já sei o que fizestes esta manhã — murmurou ella em voz baixa — porque o vosso gondoleiro o contou ao meu. Talvez apanhasseis um resfriamento. Vou ver a creança amanhã.

— Iremos juntos — respondeu elle no mesmo tom de segredo, emquanto lhe tocava na mão, parecendo que pegava no bandolim. Damer viu este gesto do vão de uma janella, onde estava sentado a falar de uma questão de momento, sobre fronteiras, com um ministro allemão de passagem por Veneza.

(Continúa). ALBERTO TELLES.

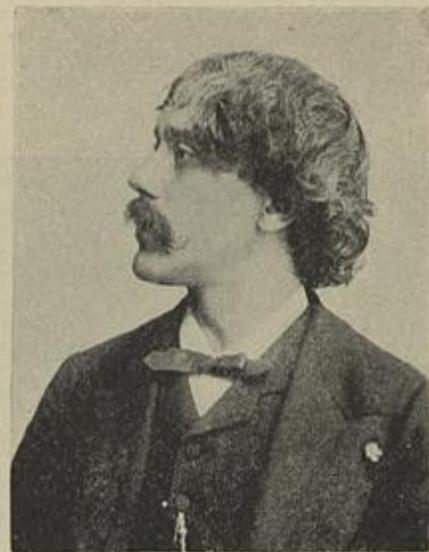
NECROLOGIA

Pablo Sarasate

Morreu o estraordinario Sarasate, o artista de eleição, que todo o mundo civilisado aplaudiu, vitoriou, quando o ouvia tocar seu violino cuja fama se estendeu a toda a parte.

Morreu no dia 20 de setembro, em Biarritz, na afamada estação balnear, ouvindo acaso o sussurro do mar rolando suas ondas de espuma na praia, o que tanta vez lhe teria inspirado as harmonias do seu instrumento privilegiado.

Tão peninsular, por ter nascido em Pamplona a 10 de março de 1844, como por seu vivo talento todo sentimental dos meridionaes, presunçosamente alguns seus biografos francêses o querem dar como filho da escola francêsa de violino, muito embora cursasse o Conservatorio de Paris.

E' desta opinião o nosso colega da *Arte Musical*, donde respigamos algumas notas biograficas de Pablo Sarasate, e com a qual concordamos plenamente.

PABLO SARASATE

A escola de Sarasate foi elle proprio com a originalidade do seu talento, como de resto acontece a todos os geniaes artistas que assombram com as suas obras incomparaveis.

Sarasate foi unico entre todos os violinistas do tempo, até os de maior reputação, e o grande destaque fazia o, principalmente na musica espanhola, que elle enriqueceu com composições suas: *Jota de San Fermin*, *Peteneras*, *Zortzico*, *Serenata Andalusa*, *Caprice basque*, *Jota Aragoneza*, *Bolero*, *Navarra*, *Muiñeira* e outras, incluindo as suas *Danças Españolas* universalmente conhecidas.

Era nesta musica que seu coração mais se sensibilisava e a alma se lhe espandia, imprimindo a seu violino todo o sentimento que tanto o comovia a elle como a quem o escutava.

Esta natural revelação da sua origem peninsu-

lar, não diminuia a grandeza e recursos do seu talento na presença das composições classicas que elle executava com superioridade unica, ainda que para isso tivesse, talvez, que abdicar um tanto da sua forte individualidade.

Pablo Sarasate foi uma dessas raras creanças prodigios que não falham com a idade. Quando se apresentou a primeira vez em publico, no teatro de Pontevedra, tinha apenas 8 annos e havia um anno que o professor Manoel Rodrigues o lecionava em violino.

Esta estreia foi o seu primeiro triunfo, e o duque de Montpensier, que assistia ao concerto, ao ouvir tocar o infantil violinista, tomou-o nos braços e colocando-o em pé sobre uma cadeira disse: — E's microscopico e hoje caberias numa algibeira; amanhã o mundo será pequeno para ti!

Esta profecía realisou-se.

Em 1856 Pablo Sarasate foi estudar para o Conservatorio de Paris tendo por professor Delfim Alard. Ao fim do primeiro anno Sarasate alcançava, por unanimidade de votos, o primeiro premio de violino. No segundo anno alcançava um *accessit* em harmonia.

Foi no teatro de Bayonne que Sarasate realisou a sua estreia oficial, para assim lhe chamarmos, e essa estreia foi o inicio da serie de triumfos que haviam de o acompanhar em toda a sua gloriosa carreira.

Sarasate fixou a sua residencia em Paris e todos os annos ali dava concertos, alguns com Colonne. De quando em quando ia até á Russia, á Alemanha, á Inglaterra fazer se ouvir, sendo sempre acolhido com delirantes aplausos, e o mesmo nas Americas.

Não esqueceu Espanha, sua patria, que amiudadas vezes visitava e onde era sempre aclamado. Visitou tambem Portugal, onde esteve em Lisboa por quatro vezes, em 1880, 1881, 1887 e 1896, e das duas ultimas no Porto tambem. O mesmo entusiasmo o acolheu neste extremo da peninsula e com saudade nos recordamos de o ter ouvido no seu magico violino, que se impunha até aos mais profanos em musica.

E' que Sarasate falava nelle ao coração que todos tem.

Conselheiro dr. Henrique Maia

Quasi á ultima hora chega-nos a noticia de ter morrido repentinamente, no Porto, o conselheiro dr. Henrique Maia, muito conhecido no país e fóra delle, principalmente, pelo grande numero de pessoas que frequentam as estancias de aguas, no numero das quaes se conta a de Pedras Salgadas, de que elle era diretor e onde fazia as honras da recepção com requintada amabilidade aos aquistas que annualmente ali iam.

Mas se a sua individualidade se destacou pela inteligencia e empenho com que fez de uma penedia selvatica, escalvada, qual era a região onde explorou as aguas termaes de Pedras Salgadas, a estancia deliciosa que tão apreciada é, outros predicados ainda da sua inteligencia e caracter o distinguiram e fizeram estimado.

O conselheiro dr. Henrique Antero de Sousa Maia era natural do Porto onde nasceu por 1843. Cursou a Escola Medica daquella cidade e, findo o curso, foi nomeado medico da armada, e pelas nossas colonias estacionou, fazendo clinica e escrevendo relatorios sobre os serviços de saude, que lhe valeram os louvores do governo.

As febres de Africa, porém, obrigaram no a pedir a exoneração do seu cargo, e estabeleceu no Porto um consultorio com os medicos srs. Oliveira Monteiro e José Carlos Godinho de Faria, hoje falecidos, grangeando grande clinica e reputação medica.

Nomeado delegado de saude, chegou a chefe de saude do distrito, logar a que é inherente o de professor da 3.ª secção do Curso de Medicina Sanitaria da Escola Medica do Porto. Com rara proficiencia regeu a sua cadeira, sendo altamente considerado entre o corpo docente.

Na qualidade de chefe de saude do distrito, remodelou completamente estes serviços, sendo as suas medidas bem aceites por toda a população.

O dr. Henrique Maia nas horas que podia forrar á clinica e aos seus cargos oficiaes, cultivava a literatura e tinha grande admiração por Carlos Dickens, o autor inglês, de que traduziu grande parte dos seus romances e os publicou em folhetins de jornaes do Porto.

A maior gloria, porém, da sua vida e tambem o seu maior trabalho, foi o estabelecimento termal de Pedras Salgadas que elle fundou e, sempre com crescente amor e zelo engrandeceu e beneficiou com tudo quanto a ciencia indica para a higiene, goso e comodidade dos que frequentam as estancias de aguas.

Conselheiro dr. Henrique Maia

Ainda agora quando a morte o colheu elle regressava de Pedras Salgadas de visitar as obras de um novo balneario em construcção, no que andava muito interessado.

O conselheiro dr. Henrique Maia deixa viuva a sr.ª D. Julia Gomes Monteiro, com quem casara em segundas nupcias, e quatro filhas D. Emilia, D. Rosalia, D. Paulina e D. Adriana Maia.

As sr.as D. Rosalia e D. Paulina são duas distintissimas amadoras de musica, muito apreciadas em varios concertos que tem realisado.

Acompanhando na dôr que deve afligir a familia do ilustre extinto, d'aqui lhe enviamos os sentimentos do nosso pesar.

UM DIRIGIVEL PORTUGUÊS

Não podemos afirmar que estejamos na presença de um problema resolvido na pratica, porque aquelle de que vamos tratar é por emquanto teorico, mas como em teorias ha muitas que se desfazem á simples observação, e outras que demandam de ser estudadas para melhor se avaliarem, julgamos ser uma destas a que se nos depara.

Trata se de um aerostoto dirigivel, invento do sr. Francisco Miguel Anastacio, de que tivemos occasião de vêr o modelo feito pelo proprio inventor, o qual é bem diferente de outros dirigiveis de que temos tido noticia, por desenhos ou discripções, diferenciando se principalmente, pela simplicidade, o que se nos afigura um dos problemas a resolver nos aerostatos dirigiveis.

Desde os meados do seculo XVIII que o aerostato é conhecido como é conhecida a sua força ascensional.

Posto isto, toda a preocupação da ciencia ha algumas desenas de annos para cá, tem sido em aproveitar essa força, como meio de locomoção aerea, e poder dar lhe direção, fazendo-a triunfar das correntes do vento, como os submarinos vencem as correntes da agua.

Entretanto este problema ainda não está resolvido definitiva e praticamente, e todos que hoje seguem com interesse as já numerosas experiencias feitas, sabem isto, para que nos detenhâmos a enumeral-as.

Como se vê pela fotografia que acompanha estas linhas, o aerostato é duplo coniforme, terminando o seu comprimento em dois vertices, de modo a anular em grande parte o embate do vento contra elle. Esta fórma já tem sido adotada por outros inventores, como a mais propria para vencer as correntes aereas.

Este aerostato deverá ser de aluminio, como metal que é levissimo e ao mesmo tempo resistente, aguentando melhor a força propulsora do gaz, do que o involucro de seda ou *caoutchouc*, de que até agora se tem fabricado os balões.

E' assim mais segura a força ascensional e garantida a resistencia do novo aerostato em projeto, o qual realisado com capacidade para 800 metros cubicos de gaz, poderá suspender cêrca de duas toneladas de peso, conforme os calculos do seu inventor, partindo do principio de que cada metro cubico de gaz suspende o peso de dois kilos, pouco mais.

As dimensões do aerostato para conter a porção de gaz indicada deverão ser de 42 a 50 metros de comprimento por 10 a 12 na sua maior largura.

E' claro que as proporções do aerostato têm de ser reguladas conforme o peso que elle tiver a suspender.

Outra innovação que este aerostato apresenta, é a de não ter a chamada barquinha separada como até aqui se tem praticado. A barquinha é substituida por um estrado de madeira suspenso do aerostato e a este ligado por dez columnas delgadas quanto possivel, de madeira apropriada ou de tubo de aço, que mais leve seja, formando assim o aerostato e estrado duas peças perfeitamente ligadas entre si.

E' neste estrado que assenta o motor que transmite movimento a duas helices em dois veios horisontaes, servindo uma a impulsionar o aerostato para a frente, e a outra a fazel-o recuar, funcionando independentemente, conforme a manobra que se precise fazer. Outras duas helices, assentes em dois veios verticaes, e que se movem por baixo do estrado, funcionam tambem independentemente uma da outra e servem para fazer subir rapidamente o aerostato, ou descer, conforme fôr necessario.

Este sistema de helices tanto permite fazer subir ou descer o aereostato verticalmente, como avançar ou recuar horisontalmente, como ainda obliquamente conforme se fizer a manobra.

Assenta ainda sobre o estrado a roda que faz mover o leme como o de qualquer navio com o seu timoneiro, que para se guiar no rumo, quando seja preciso, tem na sua frente a bussola na bitacula.

Como o fim a que visa este aerostato é o de maquina de guerra, a construção do referido estrado permite a montagem de artilharia, podendo levar uma, duas ou mais peças, conforme a possivel capacidade que se lhe der. Tem mais no dito estrado dois tubos verticaes para lançamento de projecteis, perpendicularmente sobre navios ou exercitos. Estes projecteis sendo granadas de balas, cahindo sobre um exercito inutilisam-no; sendo de ferro rijo ou de aço, lançadas sobre navios farão ir estes ao fundo. Um telefone com seu competente fio enrolado num carreto especial, permitirá communicar com a terra sem ser preciso descer o aerostato.

Duas pessoas bastam para manobrar á vontade esta maquina aerea, e um só motor imprime movimento a todo este maquinismo.

Como os motores elétricos, ainda por meio de acumuladores seriam demasiado pesados e de curta duração a sua energia, o autor prefere adotar o motor a gasolina, como usam os automoveis, o qual satisfaz a todas as exigencias desta maquina e com a energia necessaria para 72 horas.

Até aqui a descrição e aplicação do novo aerostato quanto é permitido fazel-a com as reservas que o seu autor discretamente guarda.

A analise que fizemos do modelo, que é todo de madeira, á excepção do recipiente do gaz, que é de folha de ferro, deixou nos boa impressão, parecendo-nos perfeitamente realisavel na pratica.

Como dissemos, o inventor desta nova maquina aerea é o sr. Francisco Miguel Anastacio, natural de Ponte de Sôr e tem 38 annos de edade. Foi marinheiro da armada e hoje é 1.º sargento do corpo de marinheiros Tem o curso completo da Escola Pratica de Artilharia a bordo da fragata *D. Fernando* e isso o auxiliou bastante no projéto do seu aerostato como maquina de guerra.

Elle, fez por suas mãos todo o modelo de uma madeira especial, rija, que lhe permitiu o recortar todas as peças de que se compõe a sua maquina, inclusivé umas delicadissimas rodas dentadas para as engrenagens.

Este modelo, com a memoria descritiva, foi apresentado no dia 10 de agosto pelo autor ao sr. contra-almirante Carlos Maria Pereira Viana, comandante do corpo de marinheiros, que depois o mandou apresentar ao sr. contra almirante José Cesario da Silva, major general da armada, que, tendo o examinado, entendeu propôr ao sr. ministro da marinha, para nomear uma comissão de oficiaes, afim de dar seu parecer sobre o mesmo.

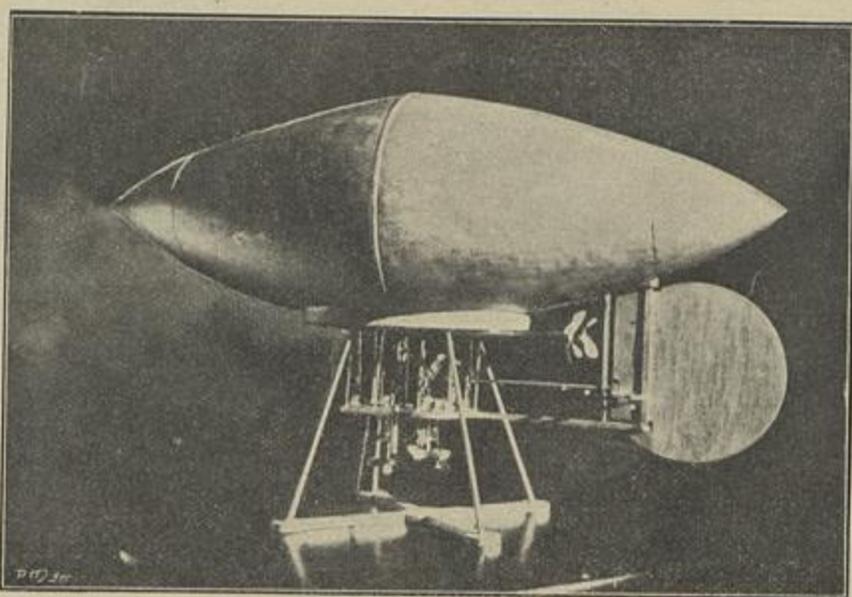
Entretanto nada mais ha resolvido oficialmente.

Como esclarecimento convém saber que o sr. Anastacio tem tanta confiança no seu aerostato, que a ninguem cede o ser elle o primeiro a experimental-o na sua ascensão e manobra.

Para realisar o seu projéto nas proporções indicadas calcula não dispender mais de 6:000$000 de réis, despeza bem modesta em relação ao que tem custado lá fóra experiencias deste genero. Em Inglaterra tem-se gasto com dirigiveis as se-

Um Aerostato dirigivel português

Francisco Miguel Anastacio

Autor do Aerostato dirigivel português

Modelo do Aerostato dirigivel português

guintes sommas: em 1904 dispendeu 14:500 libras; em 1905, 19:500; em 1906, 23.600; em 1907, 20:750 e em 1908 já dispendeu 13:750 até 30 de junho. A Santos Dumont estabeleceu o governo brasileiro um premio de cem contos em ouro para concluir os estudos do seu dirigivel em França, etc. Faltam nos dados para saber quanto terá dispendido a França e a Alemanha com os seus dirigiveis, mas o que fica dito com relação á Inglaterra já dá uma ideia.

Sabemos bem que a modestia dos recursos do tesouro portuguès não permite competencias com as nações ricas, mas é tão modesta tambem a quantia necessaria para execução deste aerostato dirigivel, que ella está ao alcance das posses do mesmo tesouro e até de uma subscrição nacional se tanto fôr preciso.

O que será para lamentar, é, se o sr. Anastacio tiver de vender para o estrangeiro o seu invento para o vêr executado, como, segundo nos consta, já um italiano lhe fez propostas, mas que elle por ora não aceita emquanto tiver esperança de vêr o seu projéto posto em pratica no seu país.